



## CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

### INTRODUÇÃO

No campo literário, a questão dos gêneros alude aos tipos de textos, que são classificados por suas familiaridades, singularidades e diferenças. Em tese, isto parece simples, contudo tais classificações geram discussões incessantes ainda na atualidade, caso do romance, que pertence ao gênero épico ou narrativo.

A discussão acerca do romance pode ser tida como nova, pois essa narrativa surge e ganha força a partir do aparecimento da burguesia, em detrimento à epopéia, histórias que contavam os feitos heróicos de um povo, cuja narrativa era toda versificada e de grande extensão. Esses textos são classificados como poemas épicos.

Ao falarmos em poemas e gêneros, cabe destacar a questão da poesia lírica, a qual gera discussões inúmeras. Para uns é um texto que resulta de uma profundidade metafísica e existencial, gerando um diálogo com a alma, pois "o que na poesia domina é a subjectividade da criação espiritual" (HEGEL, 1980, p.217). Já para outros, principalmente em nível de senso comum, não passa de uma criação sem sentido, a qual não diz nada, apenas palavras bonitas que rimam.

Deste modo, percebe-se que o gênero lírico tal qual o romance suscita uma série de discussões quanto ao seu verdadeiro sentido. Esta situação na poesia toma proporções maiores, pois mesmo os poetas, produtores de poemas consagrados, parecem titubear frente ao verdadeiro valor das produções líricas. Afinal, se estabelece o diálogo com a alma, ou ao contrário, apenas se joga com palavras como se a poesia fosse uma construção.

Inúmeros poetas refletiram sobre o valor da poesia, como o escritor argentino Jorge Luis Borges (2000, p.11), o qual entende a poesia em relação à vida: "Passamos à poesia; passamos à vida. E a vida, tenho certeza, é feita de poesia. A poesia não é alheia – a poesia, como veremos, está logo ali, à espreita. Pode saltar sobre nós a qualquer instante".

No Brasil, os poetas desfrutaram do mesmo sentimento, quem ou o que seria a poesia. Neste sentido vários nomes poder-se-iam destacar: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Um outro poeta brasileiro reflete de forma incessante o valor da poesia, tendo definições líricas que evoluem junto com o seu fazer poético, um poeta de "sete faces", Carlos Drummond de Andrade.

Para Brasil (1971, p.25), "O modo de ser poético de Carlos Drummond de Andrade pode se apresentar de várias maneiras. Na verdade, a sua carreira reflete, às vezes, um conflito de idéias e recursos, que deságuam numa espécie de arte poética do homem, do intelectual". Mineiro, de Itabira, o poeta conseguiu construir



um fazer poético que mostrou como a própria poesia pode ser conflituosa, nessa arte poética do homem e intelectual.

Destarte, pretende-se refletir neste ensaio a metapoesia existente na obra de Carlos Drummond de Andrade, o modo pelo qual ele entende seu fazer poético. Para tanto, tomar-se-á como objeto de análise as poesias que concernem ao período do Modernismo, isto é, entre 1922 e 1945: *Alguma Poesia* (1930), *Brejo das Almas* (1934), *Sentimento do Mundo* (1940), *José* (1942), *A Rosa do Povo* (1945). A escolha por este poeta se justifica mediante as reflexões que ele perfaz acerca da poesia e seu modo de produção.

Em um primeiro momento deste trabalho, discutir-se-á sobre as definições de poesia dada pelos teóricos, desde Aristóteles, passando por Horácio, Hegel, Valéry, até Octavio Paz. Em seguida, far-se-á uma breve explanação acerca de Carlos Drummond de Andrade e sua importância no contexto literário brasileiro, refletindo sobre seu fazer poético e entendimento de poesia, a partir de seus poemas no período que concerne ao Modernismo.

## 2. POESIA

O termo poesia tem sua origem no termo grego *poiesis*, que designava o fazer artístico, intelectual. Para os áticos, a prática deveria estar embasada na teoria, isto é, a *práxis* seria a prática efetuada a partir de um saber anterior, teórico. Contudo, havia uma prática destituída dessa obrigação, a *poiesis*, pois a produção artística era prática, mas estava muito além do fazer da *práxis*, e só poderia ser feito por filósofos, que pensariam mais profundamente sobre as coisas. Percebe-se que o termo poesia apresenta proximidade semântica com o próprio modo de produção artístico de forma mais genérica.

Aristóteles tinha a noção de que a poesia tratar-se-ia de uma arte escrita, tanto que em a *Poética* reflete sobre a epopéia, o poema trágico, as comédias, os ditirambos etc. O filósofo entende a arte poética como imitações.

*Imitador, como o pintor ou qualquer outro artista plástico, o poeta necessariamente imita sempre por uma das três maneiras: ou reproduz os originais tais como eram ou são, ou como os dizem e eles parecem, ou como deviam ser. Isso se exprime numa linguagem em que há termos raros, metáforas e muita modificação de palavras, pois consentimos isso aos poetas (ARISTÓTELES, 1998, p.48).*



Logo, para o filósofo grego o poeta tal qual outro artista é um imitador, que transcreve em palavras o que vê, o que parece ter visto ou sentido ou como gostariam que as coisas fossem. Perceba que quando o Aristóteles utiliza o termo imitar, o seu valor semântico não é totalmente ligado à idéia de cópia que se tem na atualidade, pois ao imitar algo como deveria ser não evidencia uma cópia e sim uma idéia de como algo poderia se realizar, o que para o autor grego não deixa de ser uma imitação.

Aristóteles complementa que isso se realiza via linguagem, a qual geralmente é polida, utilizando termos raros e metáforas, fato este que seria consentido aos poetas. Nesse ponto, o termo *poiesis* evidencia-se como razão pela qual os poetas fazem uso de uma linguagem mais complexa, uma vez que o fazer artístico só poderia ser feito por filósofos, os pensadores.

Essa visão de concessão ao livre uso da linguagem por parte dos poetas com o passar do tempo vai ser questionada, tanto que é satirizada por Horácio em sua *Arte Poética*, no texto *Epístula aos Pisões*, no qual ele afirma:

*A maioria dos poetas, ó pai e moços dignos do pai, deixamos enganar por uma aparência de perfeição. Esfalfo-me por ser conciso e acabo obscuro; este busca a leveza e faltam-lhe nervos e fôlego; aquele promete o sublime e sai empolado; um excede-se em cautelas com medo à tempestade e roja pelo chão; outro recorre ao maravilhoso para dar variedade a matéria una e acaba pintando golfinhos no mato e javalis nas ondas (HORÁCIO, 1998, pp. 55-56).*

Nota-se nesse comentário que Horácio entende a poesia estando além do uso de termos singulares, uma linguagem esmerada não garante a qualidade e os sentidos próprios que um poema deveria ter. Assim sendo, ao tentar dizer coisas belas muitos poetas não dizem nada e por isso mesmo não seriam poetas na visão do autor clássico.

Essa discussão levantada por Aristóteles quanto à questão da linguagem centra um dos principais eixos de argüição da crítica no que tange a relação da poesia e linguagem. Não se tem como negar que a linguagem fundamenta a poesia, uma vez que "a Poesia é uma arte da linguagem; certas combinações de palavras podem produzir uma emoção que outras não produzem" (VALÉRY, 1991, p.205).

A emoção proporcionada pela linguagem gera na poesia o seu caráter de introspecção, sentimentos que devem aflorar via construção de sentidos, como se estimulasse uma criação de fantasias próprias ao ser humano, enquanto outros tipos



de arte trabalham com estímulos exteriores, de um mundo concreto e palpável. Por isso, pode-se dizer que “as artes plásticas representam os objectos, artisticamente trabalhados, é certo, mas na sua realidade exterior, enquanto a fantasia poética nos dá apenas uma intuição e um sentimento puramente anteriores” (HEGEL, 1980, p.218).

A representação poética concerne aos sentimentos interiores do homem, logo o argumento de um diálogo com a alma seria plausível, pois a partir da linguagem criar-se-ia uma fantasia própria do imaginário humano. Contudo, artes, como a música, agregam em si além das letras, os sons, uma melodia própria. Logo, fazer poesia representa um saber ímpar do uso da linguagem, como uma rendeira que tem de tecer suas rendas a partir de uma lógica própria, a qual só ela conhece.

*O universo poético não é tão forte e facilmente criado. Ele existe, mas o poeta é privado das imensas vantagens possuídas pelo músico. Ele não tem diante de si, pronto para o uso da beleza, um conjunto de meios feito expressamente para sua arte. Ele tem que tomar emprestada a linguagem (VALÉRY, 1991, p.210).*

Entende-se, pois, que a criação poética exige muito esforço e conhecimento da linguagem e dos sentimentos, contudo ser um grande conhecedor da língua não garante a ninguém a possibilidade de ser poeta. Nesse ponto, entraria a inspiração, o dom, a vontade de escrever de forma avassaladora, características estas de muitos questionamentos.

Os questionamentos são diversos, entretanto não há um consenso entre os críticos. Nessa esteira, alguns poetas explicam a partir de suas visões que a poesia está além disso, da inspiração ou do dom. Paz (1993), por exemplo, compreende a poesia como sendo uma voz que surge e se diferencia frente muitos dos discursos da sociedade ocidental. “Entre a revolução e a religião, a poesia é a *outra voz*. Sua voz é *outra* porque é a voz das paixões e das visões; é de outro mundo e é deste mundo, é antiga e é de hoje mesmo, antiguidade sem datas (PAZ, 1993, p.140).

A partir desta perspectiva a poesia assume um papel que sobrepõe a discussão de onde ela viria; torna-se uma outra voz, que retrata as paixões dos homens, sendo desprendida de espaço e tempo. Pensando assim, pode-se pensar a função da poesia como a de “libertar o espírito, não do sentimento, mas no sentimento” (HEGEL, 1980, p.218).

Destarte, nota-se a poesia entre um conflito paixão *versus* alma, em que o sentimento deve ser elevado em palavras para que possa ocorrer a liberdade do espírito frente à situação da vida. A resposta sacramentada do que é a poesia e como se estabelece seu feitiço ainda é incerta, contudo os poetas e críticos admitem que a poesia expressa as paixões humanas de modo diferente a outros gêneros, e que no jogo de palavras próprios de um poema repousa a explicação para tal fenômeno.

### 3. A POÉTICA EM DRUMMOND

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro - MG, em 31 de outubro de 1902, vindo a falecer em 17 de agosto de 1987. De uma família de fazendeiros em decadência, estudou na cidade de Belo Horizonte e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, sendo expulso por "insubordinação mental". Seu pai se chamava Carlos de Paula Andrade, fazendeiro e político, que mantinha viva a tradição do coronelismo. Sua mãe, Julieta Augusta Drummond, era do Lar.

Sua família volta a Minas Gerais em 1920, onde cursa Farmácia, entretanto sua paixão sempre foi as Letras. Em 1924, Drummond mandou uma carta a Manuel Bandeira manifestando sua admiração pelo poeta. Neste mesmo ano, conheceu alguns dos principais modernistas: Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Em 1925, dirige *A Revista*, tornando-se um dos líderes do movimento modernista em Minas Gerais. Em 1928, publica o poema "No Meio do Caminho", na *Revista do Movimento de Antropofagia* de Oswald de Andrade.

*A presença do poeta Carlos Drummond de Andrade, na literatura brasileira moderna, é das mais importantes, não fosse ele o primeiro escritor a 'organizar' e sistematizar as conquistas de 1922, a que estavam ligados poetas que vinham de correntes tradicionais. Drummond foi o nosso primeiro poeta a entrar 'puro' na fase nova, e a inaugura exatamente em 1930, com Alguma Poesia, etapa que seria um segundo tempo do modernismo brasileiro, com a revitalização também na prosa (BRASIL, 1971, p.15).*

Drummond inaugura o período que ficou conhecido enquanto segunda geração modernista junto com autores como Murilo Mendes, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes e Cecília Meireles. É considerado "puro", uma vez que já começa modernista, sem ter enraizado em sua escrita traços e preconceitos de períodos anteriores.



Grande parte de suas obras, que inclui livros de poesias e também de prosa, foi traduzida para idiomas como o espanhol, inglês, francês, alemão e sueco. Drummond é considerado pela crítica literária como sendo um dos poetas mais influentes na literatura brasileira. “Como já acentuamos, a posição de Carlos Drummond de Andrade, na poesia brasileira, não é solitária, mas ele é um dos nossos raros Poetas Maiores” (BRASIL, 1971, p.21).

Escreveu várias obras líricas: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942), *A rosa do povo* (1945), *Novos poemas* (1948), *Claro enigma* (1951), *Fazendeiro do ar* (1954), *A vida passada a limpo* (1959), *Lição de coisas* (1962), entre outros. Contudo, nos deteremos na análise do período que concerne à fase modernista do autor.

### 3.1 Análise da Poética

O livro *Alguma Poesia* contém 49 poemas, tendo como abertura o “Poema de sete Faces”, no qual o poeta demonstra a vastidão do mundo frente ao ser humano, um certo desencanto com o mundo. No início do poema fica evidenciado isto com a célebre expressão: “Vai Carlos! Ser gauche na vida”. *Gauche* remete a desajeitamento, ele, poeta, é um gênio incompreendido. Nessa obra percebe-se o individualismo e subjetividade reforçados, em que Drummond considera-se maior que todo o mundo, uma vez que é incompreendido.

Mundo mundo vasto mundo  
mais vasto é meu coração<sup>1</sup>

Esse poeta em confronto com o mundo apresenta dúvidas, a poesia dele expressa esse afrontamento, em que as dúvidas próprias do ser humano geram contradições que vão refletir em sua poética. “Assim, apesar de sentir-se pronto para a poesia, as dúvidas em que se absorve impede a realização de seu ofício” (MORAES, 1970, p.46).

---

<sup>1</sup> Indicaremos os poemas seguindo uma convenção que a crítica já consagrou: apondo ao poema a sigla do livro a que pertence: AP- *Alguma Poesia*, BA- *Brejo das Almas*, SM- *Sentimento do Mundo*, J- *José*, RP- *A Rosa do Povo*



Gastei uma hora pensando um verso  
que a pena não quer escrever.  
No entanto ele está cá dentro  
Inquieto, vivo.

(Poesia, AP)

A mão que escreve este poema  
Não sabe que está escrevendo

(Poema que aconteceu, AP)

Percebe-se que o fazer poético é representado pela incerteza, em que o poeta é guiado pela mão ou a pena, não se trata de inspiração, dom ou habilidade, e sim, de uma série de dúvidas. Ao afirmar isto nos poemas, não se nota a consciência de um poeta maduro, mas sim, de um escritor ainda imaturo num embate com os questionamentos próprios do homem.

**F** A voz lírica de *Alguma Poesia* ainda fala em nome do conceito romântico e idealista da subjetividade metafísica, da consciência-corção 'mais vasto que o mundo'. O correlato estético desta filosofia é a idéia de que a poesia reside 'na vida'. A poesia não é uma arte, é uma dimensão dos seres e dos acontecimentos (MERQUIOR, 1976, p.25).

Se a poesia passa a ser uma dimensão dos seres e dos acontecimentos, ela surge quando o universo se torna enigmático, possibilitando o desvendamento de enigmas que serão representados em sua poesia. Há uma crença de Drummond que o seu "eu" pode responder certas questões, um ideário romântico de que ele pode ser superior ao mundo que o entende enquanto gauche.

Meu verso é minha consolação

(Explicação, AP)



Essa subjetividade tende a um individualismo narcisista, em que ele poeta pode fazer o que quer, sendo muitas vezes mal compreendido, pois há uma certa “licença poética” na própria existência de ser poeta:

Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.

Eu não disse ao senhor que não sou senão um poeta?

(Explicação, AP)

Em *Brejo das Almas*, “a atitude filosófica em relação à poesia, continua dominada pela idéia da solidão do eu. A poesia é ainda a agressão do vivido; é uma experiência existencial, mais que uma arte” (MERQUIOR, 1976, p.37). A poesia é tida como superior, uma resposta da dimensão da vida humana às ânsias do homem, superior perante o poema enquanto obra, pode chegar às raias do desprezo:

Vamos fazer um poema

Ou qualquer outra besteira

(Convite Triste, BA)

Já a poesia ao expressar o vivido em profundidade expressa o isolamento pertinente do ser gauche, guardado na sensibilidade própria e ímpar do poeta.

A poesia é incomunicável.

Fique torto no seu canto.

Não ame.

(Segredo, BA)

Em outros momentos, Drummond ao se referir ao poeta, classificava-o como um Bêbado:

O poeta ia bêbedo no bonde.

(Aurora, BA)





Meu verso é minha cachaça...

(Explicação, AP)

Percebe-se que tanto em *Alguma Poesia* quanto em *Brejo das Almas* o “eu” é só e, pretensamente, vê em si as respostas para as dúvidas relativas à existência do ser humano. “Para Carlos Drummond de Andrade, somente a partir do livro *Sentimento do Mundo* teriam sido resolvidas ‘as contradições elementares’ de sua poesia” (MORAES, 1970, p.40).

A chave para descobrir o motivo dessa opinião pelo poeta em relação a seus livros se deve a uma mudança essencial do modo pelo qual o escritor se vê em relação ao mundo. Se antes o individualismo era a tônica, em seu terceiro livro, *Sentimento do Mundo*, há uma ruptura. Drummond revê seu “tamanho” frente ao mundo que o circunda, seu coração não apenas vai ser menor, mas sim, muito menor. Dessa forma, pode-se dizer que o poeta mineiro nega esta visão individualista:

Não, meu coração não é maior que o mundo.

É muito menor.

(Mundo Grande, SM)

Para Merquior (1976, p.38), “longe de englobar o mundo, o coração, estúpido, frágil e ridículo, na realidade de comprazia na ignorância do essencial: a condição humana”:

Estúpido, ridículo e frágil é o meu coração.

Só agora descubro

Como é triste ignorar certas coisas.

(Na solidão de indivíduo

Desaprendi a linguagem

Com que os homens se comunicam.)

(Mundo Grande, SM)



Drummond repensa sua postura individualista, faz-se necessário escutar as pessoas, nota que todos devem obedecer ordens, não importando credo nem etnia, pois as dores humanas são as mesmas.

Outrora escutei os anjos,  
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.  
Nunca escutei voz de gente.  
Em verdade sou muito pobre.

(Mundo Grande, SM)

“Agora, o órgão sensível da poesia – acontecimento não é mais a instância *individualista* do coração é a consciência *individual* (mas socializável) do sofrimento coletivo” (MERQUIOR, 1976, p.40). A poesia passa a ser social, contudo Drummond se nega a ter esperanças utópicas, o seu fazer poético não é ingênuo e muito menos caduco:

Não serei poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.

(Mãos Dadas, SM)

Em *Sentimento do Mundo* Drummond conjuga três características: a de homem, poeta e político. Através da poesia se encontra, refletindo sobre a política e as mazelas sociais.

*O poeta situa-se na mesma linha dos anseios do homem e dos ideais do político, e, além de colocar sua poesia a serviço da causa (convindo ressaltar: sem desmerecê-la, sem admitir como excelência artística apenas a circunstância de adotar um conteúdo participante), prega uma poética de comunhão entre a forma e a motivação, no visio de dar à poesia uma funcionalidade conscientemente combativa (MORAES, 1970, p.53).*



Uma poesia combativa exige a admissão de que se tem que lutar, e nesse ensejo a próxima obra do poeta itabirano, o livro *José*, encontra-se a visão e as armas que o escritor dispõe para tal feito:

Lutar com palavras  
é a luta mais vã  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.

(O Lutador, J)

As palavras são muitas e o poeta é um só e nesse embate surge o poema, mas o escritor não desiste de pelejar com as palavras, ele tem de ser forte, pois as palavras não são fáceis de domar.

Palavra, palavra  
(digo exasperado),  
se me desafia,  
aceito o combate.

(O Lutador, J)

As palavras chamam o escritor ao combate, elas provocam, e Drummond crê em um poeta que sempre aceita o desafio. As palavras não são hostis, o poeta é como um domador, tendo que dominá-las a cada momento.

*Não poderíamos superestimar a significação de 'O Lutador' na obra de Drummond. Numa antologia de seus versos, organizada por ele próprio, o poeta transcreve este poema no começo da seção 'poesia contemplada', o que significa que o considera sua primeira real reflexão em matéria de poética. Desnecessário acrescentar que 'O Lutador' representa uma ruptura definitiva com a poética do vivido sustentada até*



*Sentimento do Mundo. Drummond sabe agora que poesia 'não é arte do objeto (tal como pensava o jovem autor de Alguma Poesia), mas antes a arte 'do nome do objeto' (MERQUIOR, 1976, p.72).*

Em *José*, Drummond postula no poema "O Lutador" o poeta como sendo um pelejador com as palavras. A poética é fundada na experiência da linguagem, antepondo ao lirismo social que está presente em *A Rosa do Povo*, o livro mais longo do poeta mineiro, são 55 poemas, tendo como abertura o poema "Consideração do poema", em que as palavras não são mais hostis e sim relacionadas entre si.

As palavras não nascem amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livres por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

(Consideração do Poema, RP)

Outro poema que versa sobre o fazer poético e poesia é o poema "Procura da Poesia" em que há de novo considerações sobre o reino das palavras, Drummond em seu lirismo aprofunda-se nessa relação poeta/palavra:

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas antes de escrevê-los.

(Procura da Poesia, RP)

Para Melquior (1976, p.77), "As palavras não são necessariamente hostis; ao contrário do que se passa em 'O Lutador', elas não se esquivam sistematicamente ao poeta – aguardam-no, pois a linguagem 'em estado de dicionário' encerra os poemas



‘que esperam ser escritos’’. Faz-se necessário perceber que os acontecimentos passam, os temas perecem, mas as palavras ficam.

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
Não aquece, nem ilumina.

(Procura da Poesia, RP)

A tarefa do poeta assume uma função hercúlea, tirando as palavras da escuridão, conseguindo atribuir a elas novos significados, os quais se revelam nos poemas. As palavras devem ser buscadas pelo poeta no dicionário com o intuito de transformá-las em poemas.

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
Tem mil faces secretas sob a face neutra  
E te pergunta, sem interesse pela resposta,  
Pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

(Procura da Poesia, RP)

“José e *A Rosa do Povo* constituem o momento meridiano do lirismo de Drummond” (MERQUIOR, 1976, p.122). O autor tem, nesse momento, sua poética mais elucidada, se detendo no bom uso das palavras, nas escolhas corretas para a transmissão daquilo que pretende dizer. Drummond escreverá ainda várias obras que levam marcas do amadurecimento do poeta a partir dos seus livros do período modernista brasileiro, da segunda geração de 1930 até 1945.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia é uma arte de lidar com as palavras, para Drummond em *José*, no poema "O Lutador", esta é uma peleja vã e difícil, pois as palavras são muitas e o poeta é apenas um. Em *A Rosa do Povo*, a visão do poeta já se modifica vendo nas palavras a possibilidade sempre plausível de compor a escrita, uma vez que elas estão na linguagem, em estado de dicionário. O poeta deve tecê-las delineando os possíveis significados que almeja.

Percebeu-se a partir da reflexão do fazer poético em Drummond que a consciência do poeta evolui e matura a cada obra produzida. Em *Alguma Poesia*, o individualismo transpassava uma visão romântica do mundo e da poesia, em que o "eu" estava acima de tudo, quase que onipotente. Esta visão de uma subjetividade exacerbada continua em sua segunda obra, *Brejo das Almas*. O poeta crê que seu coração é mais vasto que o mundo.

Em *Sentimento do Mundo*, o poeta mineiro percebe que seu coração é muito menor que o mundo, percebe que o sujeito não deve ser tão individualizado, que as dores humanas são coletivas, e que as pressões e ordens são as mesmas para todos os sujeitos. Essa obra representa uma modificação essencial do modo pelo qual o poeta entende a vida e sua poesia.

Nas duas obras posteriores, *José* e *A Rosa do Povo*, o escritor está mais maduro, conseguindo atrelar sua vida ao fazer poético, em que o homem, o político se perfazem em sua obra lírica.

Drummond ateu-se a uma metapoesia contínua, pois refletiu em todas suas obras do período modernista sobre o seu fazer poético e a melhor definição para a poesia. O escritor mineiro percebe que vida e poesia confluem no poeta, que deve saber usar as palavras, degladiando-se com elas num primeiro momento, para então perceber que elas estão, basta captá-las e transformá-las em poemas perenes pelo tempo, pois os temas e situações morrem, mas as palavras não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANDRADE, \_\_\_\_\_. *Poesias*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1942.

ANDRADE, \_\_\_\_\_. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ARISTÓTELES, 384-322 A.C. *A poética clássica*. Aristóteles, Horácio, Longino; introdução por Roberto de O. Brandão. Tradução direta do Grego e Latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRASIL, Assis. *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1971.

HEGEL, G. W. Friedrich. *Estética-Poesia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.

MORAES, Emanuel de. *Drummond rima Itabira mundo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1970.

PAZ, Octávio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.